

NOVA FRAGATA DOS EUA ENFRENTA VELHOS (E CONHECIDOS) PROBLEMAS

Por Gabriel Honrada*



Imagem gerada por inteligência artificial.

O programa da classe Constellation reflete falhas recorrentes de aquisição, arriscando atrasos na entrega e ampliando a lacuna naval com a China.

O mais novo programa de fragatas da Marinha dos EUA está navegando direto para a mesma tempestade que afundou seus dois últimos grandes esforços de construção naval: aumento de custos, projeto caótico e diminuição da credibilidade.

No mês passado, o US Government Accountability Office (GAO) relatou que, apesar das repetidas garantias de lições aprendidas com os problemáticos programas Littoral Combat Ship (LCS) e classe Zumwalt (DDG 1000), a fragata classe Constellation (FFG 62) da Marinha dos EUA está repetindo os mesmos erros de aquisição.

Em todos os três casos, a Marinha americana se comprometeu a construir o navio antes de atingir projetos estáveis, resultando em atrasos em cascata, custos crescentes e capacidades reduzidas, de acordo com as últimas conclusões do GAO.

Assim como o LCS, a fragata da classe Constellation começou a construção com uma data de conclusão de projeto exagerada, posteriormente revelada como sendo de apenas 70%, não 88%. Isso levou a um atraso de três anos para o navio líder e um compromisso de US\$ 3,4 bilhões com projetos incompletos.

Assim como o DDG-1000, onde tecnologias imaturas e requisitos instáveis inflaram os custos unitários sete vezes, a fragata agora enfrenta riscos técnicos de sistemas de controle de propulsão e maquinário não comprovados.

Além disso, as modificações da fragata corroeram sua semelhança anunciada com o projeto original italiano, minando a lógica inicial de redução de riscos do programa e levando-a a sacrificar a velocidade pelo aumento de peso – tendência paralela ao LCS e Zumwalt de entregar menos do que o prometido.

O GAO enfatiza que a história continuará a se repetir até que a Marinha dos EUA abandone seu manual de aquisição falho e adote práticas comprovadas de projetos de navios comerciais, como concluir projetos funcionais antes da construção, o que coloca em risco a prontidão e a credibilidade da frota.

A classe Constellation foi concebida como um combatente naval de uso geral, semelhante às fragatas da classe Oliver Hazard Perry dos anos 1970. Um relatório do US Congressional Research Service (CRS) de dezembro de 2024 observa que a classe intencionalmente evitou introduzir novas tecnologias não comprovadas e, em vez disso, dependeu de sistemas já implantados na Marinha dos EUA para reduzir custos.

O relatório do CRS menciona o Sistema de Combate Aegis e o Enterprise Air Surveillance Radar como sistemas pré-existent a serem usados na classe Constellation, distinguindo-a do LCS, que sofreu com sistemas imaturos, como seu sistema de propulsão e módulos multimissão.

Enfatizando a necessidade de substituir o LCS, Andrew Latham argumenta em um artigo de fevereiro de 2025 para o *19FortyFive* que, mesmo com atualizações de mísseis, o tipo seria pouco mais do que um peso em um possível conflito no Pacífico devido a um casco fraco, falta de armas de longo alcance e resistência limitada para contribuir em uma guerra contra a frota de águas azuis da Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN) da China, composta por fragatas, contratorpedeiros e cruzadores.

No entanto, um relatório do GAO de maio de 2024 observa que o projeto da fragata da classe Constellation experimentou um aumento de peso não planejado que excedeu em 10% as estimativas iniciais devido a informações de projeto incompletas e subestimações ao adaptar o projeto da matriz estrangeira aos requisitos da Marinha dos EUA.

O relatório menciona que o crescimento levantou preocupações sobre a capacidade da fragata de atender seus requisitos de velocidade, levando a Marinha dos EUA a considerar a redução da velocidade do navio como uma solução potencial.

No entanto, em um artigo de novembro de 2024 para o *19FortyFive*, Robert Farley observa que o peso extra pode dificultar que a classe Constellation acompanhe os porta-aviões e contratorpedeiros dos EUA, e também pode complicar futuras atualizações.

Um relatório do CRS do mês passado descreve as funções operacionais das fragatas da classe Constellation. Os navios são projetados como plataformas multimissão capazes de guerra antiaérea, antissuperfície, antissubmarina e eletromagnética, permitindo que operem de forma independente ou como unidades integrais dentro de grupos de ataque de porta-aviões, grupos de ação de superfície (SAG, *Surface Action Group*) ou formações navais aliadas.

O relatório afirma que a Marinha dos EUA planeja conduzir uma aquisição iterativa de pelo menos 20 embarcações, com navios adicionais previstos no plano de construção naval de longo alcance. Assim que a produção se estabilizar, a entrega em fases dessas fragatas fornecerá gradualmente aos comandantes operacionais ativos adaptáveis para missões em águas azuis e litorâneas.

No entanto, as capacidades de construção naval dos EUA são insuficientes para os requisitos do programa da classe Constellation.

Um relatório do CRS dos EUA de janeiro de 2025 vincula explicitamente a instabilidade do projeto e os atrasos com a incerteza do nível operacional para o planejamento da frota. Ele destaca que o navio líder FFG-62 agora enfrenta um atraso aproximado de 36 meses, mais do que o dobro do atraso inicial relatado, devido às limitações da força de trabalho e ao trabalho de projeto incompleto antes da construção.

O relatório observa que isso faz parte de um padrão mais amplo em vários programas de construção naval, criando o que ele chama de “*situação extraordinária*” nunca vista desde a Segunda Guerra Mundial.

De acordo com o relatório, esses atrasos e a incapacidade da Marinha dos EUA de atender às taxas de aquisição projetadas prejudicam o acesso dos comandantes combatentes aos ativos esperados e complicam o planejamento da força.

Apesar desses desafios, a persistência da Marinha dos EUA em perseguir a classe Constellation ressalta a necessidade de reconstituir sua força de superfície para contrapor a crescente presença naval e poderio da China no Pacífico.

Ressaltando esse ponto, o Relatório de Poder Militar da China de 2024 do Departamento de Defesa dos EUA (DOD) afirma que a PLAN é a maior marinha do mundo, abrangendo 370 navios e submarinos, incluindo mais de 140 grandes combatentes de superfície.

Em contraste com a classe Constellation, ainda em construção, Eric Wertheim menciona em um artigo da *Proceedings* do mês passado que a China encomendou a *Luohe*, a primeira fragata da classe Jiangkai III (Tipo 054B), significando um avanço notável nas capacidades da PLAN.

Wertheim observa que a fragata, construída na Hudong Zhonghua Shipbuilding em Xangai, ostenta furtividade, poder de fogo e tecnologia aprimorados em comparação com sua antecessora, a classe Jiangkai II.

Ele diz que o Tipo 054B, equipado com um sistema de lançamento vertical (VLS) de 32 células, radar avançado de varredura eletrônica ativa (AESA) e capacidades

expandidas de guerra antissubmarino, posiciona a China para operações navais diversificadas.

Ele observa que a *Luohe* foi designada para a Frota do Mar do Norte da PLAN enquanto navios adicionais estão em produção, ressaltando uma ênfase estratégica na modernização das forças navais da China.

Em contraste, a classe Constellation pode correr o risco de se tornar um símbolo da disfunção e declínio da construção naval dos EUA.

Alistair MacDonald menciona em um artigo do *Wall Street Journal* (WSJ) no mês passado que a Marinha dos EUA enfrenta um desafio crítico na construção naval, pois atrasos e estouros de custos persistem, minando sua posição estratégica em meio à intensificação da competição global.

Para ressaltar o ponto, MacDonald diz que a fragata da classe Constellation, a primeira de uma nova classe de fragatas destinada a resolver deficiências da frota, continua anos atrasada e acima do orçamento, apesar dos esforços para acelerar a produção adotando um projeto italiano comprovado.

Ele diz que, embora os aliados dos EUA sejam a favor da compra de caças e sistemas de mísseis avançados americanos, os navios de guerra dos EUA lutam para competir internacionalmente devido a altas despesas e infraestrutura desatualizada.

MacDonald enfatiza que, com a China produzindo navios de guerra em ritmo superior e com eficiência de custos, os EUA precisam enfrentar suas ineficiências sistêmicas na construção naval para restaurar o domínio naval.

Publicado no [Asia Times](#)

**Gabriel Honrada tem extensa experiência como pesquisador, palestrante, analista e correspondente em instituições acadêmicas, governamentais e independentes em áreas que incluem estudos estratégicos, tecnologia militar e relações internacionais não ocidentais. É bacharel em Filosofia na Universidade De La Salle – Dasmariñas, nas Filipinas, e possui mestrado e doutorado em Relações Internacionais pela Universidade da Amizade dos Povos da Rússia.*
